

Vargas e o rádio como espetáculo¹

Luiz Carlos Saroldi²

Não é difícil imaginar o rebuliço que tomou conta da então capital da República em 8 de março de 1940, quando os jornaleiros começaram a anunciar nos bondes e nas calçadas da Cidade Maravilhosa a encampação, pelo Estado Novo, dos bens da empresa jornalística A Noite, incluindo as revistas da Rio Editora e a Rádio Nacional. A PRE-8 tinha sido inaugurada há três anos e meio e desde então tentava superar a Mayrink Veiga na preferência dos ouvintes, mas sem conseguir afetar a liderança da “sua PRA-9”, dirigida por César Ladeira.

A perplexidade popular tinha razão de ser. Para o público, a empresa era tão sólida quanto os 22 andares de seu edifício-sede, inaugurado em 1929 na Praça Mauá número 7 e logo apontado pela população, com orgulho, como o primeiro arranha-céu do Rio de Janeiro. Segundo dados do IBGE, a população do Distrito Federal era de 1.787.000 habitantes, existiam cerca de 30 jornais em circulação, e a tiragem comprovada de *A Noite* atingia 207.971 exemplares diários.³

Ao assinar o decreto-lei nº 2.073, Getúlio Vargas criava as Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. A instituição encampava não só os bens de A Noite, mas todo o acervo da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, presidida por Guilherme Guinle, mas na verdade controlada pela empresa estrangeira Brazil Railway, devedora ao Tesouro Nacional de um empréstimo de mais de 3 milhões de libras esterlinas.

Se a notícia pegou de surpresa o homem das ruas, ainda mais inquietou os jornalistas, gráficos e funcionários do jornal e das revistas *A Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler*. O decreto repercutiu de modo especial nos cantores, músicos, humoristas e *speakers* contratados pela PRE-8. Embora instalada com certo capricho e inaugurada com ampla divulgação do “vespertino da cidade”, a Nacional apresentava deficiências de transmissão que limitavam sua

¹ Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, Sessão Especial.

² Radialista e escritor, mestre em comunicação e cultura pela UFRJ. Ex-professor de Radialismo da Escola de Comunicação da UFRJ.

³ Carvalho Netto, 1977:399.

cobertura e afastavam anunciantes. Mas lá estavam alguns talentos admirados pelo público ouvinte: entre outros, os locutores Aurélio de Andrade, Celso Guimarães e Ismênia dos Santos, os cantores Orlando Silva, Marília Batista e Araci de Almeida, os programas *Curiosidades musicais* e *Caixa de perguntas*, ambos criados e apresentados pelo produtor Henrique Foreis Domingues, que atendia pelo nome artístico de Almirante (1908-80).

A mudança de comando da empresa poderia significar para muitos deles o fechamento da rádio, levando-os ao desemprego. Outros acreditavam na transformação da emissora em mais uma repartição pública, aberta aos “pistolões”, talvez enquadrada no esquema de propaganda do Estado Novo, área entregue desde dezembro de 1939 ao Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, chefiado por Lourival Fontes.

O decreto assinado por Vargas não entrava em detalhes quanto ao destino das empresas incorporadas, mas nomeava imediatamente os responsáveis por elas.

Para superintendente foi designado um militar inexpressivo, o coronel do Exército Luiz Carlos da Costa Netto, de baixa estatura e a caminho dos 70 anos. Segundo o depoimento do jornalista Carvalho Netto, presente ao evento, “a posse do superintendente das Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional foi uma festa para os candidatos a empregos de todas as categorias”.⁴

Escolhido para responder pela Rádio Nacional, o jornalista e advogado Gilberto de Andrade (1892-1949) era, ao contrário, bastante conhecido. Assinava artigos políticos em *A Noite* e tinha fundado e dirigido os semanários especializados *Sintonia* e *A Voz do Rádio*. Há quatro anos o homem de imprensa trocara essas funções pelo cargo de promotor do Tribunal de Segurança Nacional. Este tribunal de exceção tanto julgava crimes contra a economia popular quanto ações contrárias ao regime, incluindo atividades a serviço de potências estrangeiras. Gilberto de Andrade era também autor de 23 peças encenadas, na maioria espetáculos musicais do gênero revista, embora tivesse ajudado o governo a organizar a censura teatral. O currículo do novo diretor da PRE-8 o credenciava para o cargo, mas não bastava para tranquilizar o elenco da Nacional.

⁴ Carvalho Netto, 1977:357.

Entre os mais preocupados com o futuro estava o diretor-artístico da emissora, José Mauro (1916-2004), há um ano investido nessa função por seus próprios colegas, tendo à frente Almirante, Vitor Costa, Radamés Gnattali e até Celso Guimarães, ex-ocupante do posto. José Mauro tinha apenas 23 anos e marcara casamento para dentro de 20 dias. Como já conhecesse o novo diretor desde a redação do jornal, por onde passara antes de se transferir para a emissora, Mauro colocou o cargo à disposição de seu chefe e se dispôs a adiar o casamento, caso houvesse um candidato a seu lugar. Gilberto de Andrade prometeu uma resposta para o dia seguinte. E então foi taxativo: “pode casar”.⁵

Já na primeira reunião com seus funcionários, Gilberto de Andrade não só confirmou a permanência do diretor-artístico, como tratou de afastar o pessimismo reinante. Desfez o boato de fechamento da estação e descartou qualquer intenção de burocratizar a PRE-8. Lembrou que há quatro anos o governo recebera a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro das mãos do professor Roquette-Pinto e a entregara ao Ministério da Educação e Saúde. Para manter a PRA-2 fiel à filosofia cultural de seu fundador, sem comerciais ou patrocinadores, o governo criara o Serviço de Radiodifusão Educativa.

À Nacional estava reservado outro papel. A emissora continuaria disputando audiência e anunciantes no mercado publicitário mas com novo objetivo: o de integrar os brasileiros com o seu país, tornando-se uma emissora nacional de fato, não apenas no nome. Para isso deveria respeitar a variedade dos usos e costumes regionais, explorar a riqueza de nossa língua e de nossa música, criar uma programação atraente para todas as idades, inclusive crianças e idosos, e conquistar cegos e analfabetos. A eficácia desse trabalho dependeria de mudanças imediatas no parque técnico da PRE-8, a ser dotado de transmissores de ondas curtas para levar música e notícias a todos os pontos do Brasil e do exterior.

Antes de encerrar a reunião, Gilberto de Andrade incentivou seus artistas e produtores a propor novos programas, mesmo que implicassem contratações de pessoal. Acostumados à contenção de despesas da administração anterior, na qual as sugestões esbarravam na resposta “não há verba”, é provável que Vitor Costa, Haroldo Barbosa ou mesmo José Mauro tenham cruzado os dedos sob a mesa. Principalmente Almirante, que sempre buscara inspiração para

⁵ Profissionais de rádio homenageiam um experiente mestre: José Mauro. *Jornal da Aesp*, São Paulo, ago. 1988

seus programas em temas brasileiros. Mas coube ao maestro Radamés Gnattali revelar, 30 anos depois, a frase que mais o impressionou nos primeiros tempos de convivência com Gilberto de Andrade: “Vocês fazem agora o que quiserem: gastem o dinheiro que tiver aí, não precisa guardar”.⁶

Talvez tenha sido a única vez em que tal voz de comando ressoou nos corredores de uma emissora de rádio no Brasil. Por outro lado, a segurança com que Gilberto de Andrade expôs seu projeto refletia a aprovação do novo regime, interessado na criação de uma emissora “oficial” para o Brasil e no limiar de um conflito de proporções mundiais. Não por acaso, o principal colaborador de Vargas em assuntos de propaganda havia expressado sete meses antes da inauguração da rádio de A Noite as preocupações do governo com a falta de uma emissora com essas funções entre nós, em entrevista ao semanário *Voz do Rádio*:

Não podemos desestimar a obra de propaganda e de cultura realizada pelo rádio e, principalmente, a sua ação extra-escolar; basta dizer que o rádio chega até onde não chegam a escola e a imprensa, isto é: aos pontos mais longínquos do país e, até, à compreensão do analfabeto.⁷

O entrevistado era o então diretor do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, Lourival Fontes, há três meses nomeado diretor do DIP – o Departamento de Imprensa e Propaganda. Curiosamente, tanto o decreto regulador do DIP quanto a publicação *Cultura Política*, órgão oficial do serviço, iriam manifestar predileção por um tipo de música ligado à formação cívica das massas, condenando a “baixa qualidade” da produção de nossos compositores populares, especialmente as composições carnavalescas.

Caso dependesse exclusivamente do DIP, a programação musical do rádio brasileiro na primeira metade da década de 1940 teria sido uma sucessão de músicas recreativas, folclóricas, de caráter cívico, educação rítmica e canto orfeônico. Em outras palavras, o rádio existiria apenas para legitimar aspectos da ideologia defendida pelo Estado Novo.⁸

Mas felizmente para a cultura brasileira, o projeto implantado por Gilberto de Andrade não seguiu à risca o traçado musical do diretor do DIP ou de seus censores. Ao que tudo indica, o

⁶ Radamés Gnattali, *Especial Rádio Jornal do Brasil*, 11 out. 1977.

⁷ Ouvindo Lourival Fontes. *Voz do Rádio*, 20 fev. 1936

⁸ Moreira, 1998:33.

diretor da Nacional contava com total apoio do chefe do Estado Novo, desde 10 de novembro de 1937 investido com poderes ditatoriais no comando da nação, ato por ele divulgado de viva voz através do rádio.

Há muito Getúlio Dornelles Vargas (1883-1954) estimava o valor da radiodifusão e prestigiava os artistas populares. Ainda quando deputado federal, o político gaúcho encaminhara e vira implantada a lei nº 5.492, de 16 de julho de 1928. A Lei Getúlio Vargas, como ficou conhecida, regulava a organização das empresas de diversão e defendia os direitos autorais dos compositores. Deposto Washington Luiz, Vargas assinava em 1931 e no ano seguinte os decretos que regulamentariam as normas técnicas de concessão e instalação de emissoras e a veiculação da publicidade radiofônica.

Conforme observa o pesquisador Jairo Severiano, “nenhum político brasileiro inspirou maior número de composições do que Getúlio Vargas”. Sua figura e seus feitos foram cantados em vários gêneros musicais no total de 42 canções que constituem o Ciclo Vargas na MPB. “Curiosamente seria Getúlio e não os compositores quem iniciaria o seu longo relacionamento com a música popular.”⁹

Só mesmo com revolução
Graças ao rádio e o parabelo
Nós vamos ter transformação
Neste Brasil verde e amarelo

(G-E-GE (Seu Getúlio), marcha de Lamartine Babo, 1931)¹⁰

Entre Vargas e Gilberto de Andrade havia também a atração pelo gênero teatral mais popular da época: o teatro de revista. Um mundo de plumas e mulheres bonitas, canções e humorismo – e pitadas de crítica política, quase sempre simpáticas ao governante. Entre os atores da Praça Tiradentes, um iria se especializar em imitar Getúlio, seus gestos e sua voz: o comediante Pedro Dias. E ele também estaria no elenco da revista *Sempre sorrindo*, escrita em parceria por Gilberto de Andrade e Luiz Peixoto, texto farto em elogios ao oportunismo político do bem-humorado governante.

Sorri uma vez, quando em trinta assumi o poder.
Depois, eu sorri novamente – foi em trinta e dois.

⁹ Severiano, 1983:2.

¹⁰ Severiano, 1983:2.

Quando em dez de Novembro o golpe dei
Com o meu velho sorriso a banca abafei.¹¹

Graças a seu peculiar senso de humor, Getúlio não demorou a entender o quanto um político teria a ganhar quando visto ao mesmo tempo pelo traço dos caricaturistas e o gestual dos comediantes mais próximos do povo. Mais do que um simples meio de comunicação, o rádio trazia um novo meio de expressão. Diferença traduzida na saudação que Vargas adotaria para abrir seus discursos, e que se tornaria uma de suas marcas registradas: “*Trabalhadores do Brasil!...*” Esse bordão seria imitado no rádio, com perfeição, pelo humorista Silvino Neto, criador de *A pensão da Pimpinela* e mais tarde eleito vereador no Rio de Janeiro.

Gilberto de Andrade implanta na Nacional algumas medidas inéditas em nosso meio radiofônico. Primeiro, uma administração em sistema colegiado, com cada setor da rádio entregue a um responsável, escolhido entre os contratados da casa. É uma medida democrática em contradição com o que se poderia esperar do governo autoritário. Em segundo lugar, o estímulo à criatividade de seus artistas e produtores vai levá-los a superar de alguma forma os estreitos limites do abecedário do DIP.

Estimulados, os neurônios de Almirante, José Mauro, Haroldo Barbosa, Radamés, Vitor Costa, Heber de Boscoli e outros começam a produzir novas idéias, muitas delas ousadas demais para serem executadas por um homem apenas, mas exigindo trabalho de equipe. O modelo de *programas montados*, ou de montagem – com a participação de profissionais diversos, como redator, narrador, cantores e músicos –, lançado por Almirante em *Curiosidades musicais*, em breve se multiplica em *Instantâneos sonoros do Brasil*, ou em *Aquarelas Brasileiras*, produções voltadas para a difusão de valores regionais. Essa preocupação se estende à valorização de nossos compositores e instrumentistas, com Lamartine Babo contando a *Vida musical e pitoresca dos compositores*, ou com a seqüência dominical de atrações alternando humor e música, produzida por José Mauro em *Cavalgada da alegria*.

Gilberto de Andrade institui ainda uma seção de estatística destinada a medir a correspondência enviada pelos ouvintes da PRE-8, instrumento que orienta o departamento comercial da emissora no contato com agências e anunciantes diretos quanto aos programas

¹¹ *Sempre sorrindo*, revista teatral de Gilberto de Andrade e Luiz Peixoto, p. 21, s.d..

favoritos do público. Ao mesmo tempo, o ex-jornalista de *A Noite* instala um setor de divulgação encarregado de editar a programação de cada semana em revista de bolso impressa em papel-jornal, distribuída gratuitamente, com fotos e matérias sobre seus artistas. Paralelamente à implantação de novos gêneros na programação, as deficiências técnicas da emissora vão sendo sanadas com a transferência do sistema irradiante para o parque de Parada de Lucas (RJ), agora acrescido de antenas e transmissores de ondas curtas voltados para a América do Norte, Europa e África, e a emissão de boletins de notícias e comentários em espanhol, francês e inglês, a cargo do Departamento Político e Cultural da PRE-8.

A produção de novas atrações requer a contratação de reforços artísticos. Os primeiros indicados são os maestros Lírio Panicali e Léo Peracchi – e a este caberá introduzir a música sinfônica na programação da casa, regendo as futuras audições de *Festivais GE*. Porque, para o novo diretor, uma emissora “oficial” deve ser popular, mas oferecer um amplo leque de opções ao público, desde o humor ingênuo e a música sertaneja de Jararaca & Ratinho até as aulas dirigidas à formação de professores do interior, ouvintes da *Universidade do ar*, setor entregue à professora Lúcia de Magalhães.

Com o objetivo de preservar a qualidade do elenco sob suas ordens, Gilberto de Andrade inventa uma prova para os candidatos a emprego na PRE-8, que chegam munidos de carta de apresentação de políticos, militares, intelectuais e até do próprio superintendente. Para evitar constrangimentos, o diretor estabelece a norma de submeter os apadrinhados a um teste gravado, com parecer assinado por profissionais da categoria de Radamés Gnattali, José Mauro e Haroldo Barbosa. O parecer desse júri afasta as pretensões dos incompetentes e desarma seus protetores. O mesmo sistema é aplicado aos profissionais indicados pelo pessoal da casa, preservando a imparcialidade do diretor.

O sistema de testes vai ser contornado no setor de Vitor Costa, após o sucesso surpreendente da primeira novela produzida pela emissora, *Em busca da felicidade*. Lançado em junho de 1941, o texto do cubano Leandro Blanco, editado e traduzido por Gilberto Martins, ficaria no ar até maio de 1943, abrindo um dos principais filões comerciais e artísticos da PRE-8. Para atender à demanda de novos horários na programação, Vitor Costa precisava ampliar o elenco de radioteatro, selecionando vozes adequadas aos personagens dos folhetins. Contando com seu passado de ponto de teatro, e em dia com as produções em cartaz, Vitor Costa se dirigia

à Praça Tiradentes, onde os atores desempregados costumavam se reunir à tarde. Mario Brasini conta:

De repente surgia Vitor Costa com uma listinha na mão e os personagens de que ele necessitava para um determinado programa da Rádio Nacional. Pelo tipo de voz dos atores e pelo talento de cada um (...) ele escolhia, alinhava os atores e levava para a Nacional.¹²

O sucesso do departamento de radioteatro exige instalações adequadas para estimular a imaginação do ouvinte. O diretor providencia a construção de um estúdio próprio, reproduzindo cenograficamente uma casa, com jardim e terraço, na qual os contra-regras manipulam os efeitos sonoros mais variados – de passos e estampidos a canto de pássaros. Em breve, além de transmitir cerca de 300 peças integrais em seu *Teatro em Casa*, a Nacional vai registrar a transmissão de 116 novelas, apenas no período 1943-45, num total de 2.985 capítulos.¹³

Quase ao mesmo tempo, o lançamento de uma nova atração semanal de proporções ambiciosas vai mobilizar todo o departamento musical da PRE-8. Trata-se de *Um milhão de melodias*, estreado em 6 de janeiro de 1943, sob o patrocínio de Coca-Cola. Principal peça publicitária de lançamento do refrigerante no Brasil, *Um milhão de melodias* reunia os talentos de Radamés Gnattali, José Mauro e Haroldo Barbosa. Na equipe de produção estreava como assistente o cantor Paulo Tapajós, anos depois diretor do departamento musical da emissora.

A atração central do programa era a Orquestra Brasileira de Radamés, que tinha como parâmetro as grandes orquestras de dança norte-americanas. Mas os produtores ampliaram a proposta inicial com um objetivo nacionalista: dar à música brasileira um tratamento orquestral do mesmo nível das produções estrangeiras. Para isso foi montada pelo maestro e arranjador uma orquestra capaz de executar composições de qualquer gênero e país, mas centrada nas fontes de nossas tradições musicais.

Porque o *jazz* por exemplo é muito baseado no piano, não é? Piano, bateria, contrabaixo e guitarra. Então eu disse lá pro Zé Mauro: pra fazer uma boa orquestra de música brasileira precisamos ter uma base...então tinha dois violões, cavaquinho; tinha o Chiquinho (no acordeão), tinha o contrabaixo acústico (Vidal), e tinha uma bateria espetacular que era o Luciano Perrone – tocava bateria, vibrafone, *bells*, tocava sinos, tocava tímpano – tinha o João da Baiana de pandeiro, Heitor dos Prazeres tocando caixeta ou prato – aqueles pratos de cozinha com uma faca – e o Bide, de ganzá.

¹² BBC. *O rádio no Brasil*, 1988, programa 4.

¹³ Saroldi e Moreira, 1984:51.

Também discotecário da rádio, Haroldo Barbosa colaborava com José Mauro na pesquisa dos sucessos internacionais mais recentes. E ainda se encarregava das versões em português dessas músicas, já que a idéia dominante era alcançar um público mais amplo possível, de todos os pontos do país, que entendesse o que estava sendo cantado. Do repertório de cada programa constavam ainda quatro músicas brasileiras, sendo duas antigas, quase esquecidas. Medalha de ouro em piano, Radamés trazia de volta à audiência da Nacional páginas pouco lembradas de Nazareth, Chiquinha Gonzaga e Zequinha de Abreu, muitas vezes executadas a quatro mãos com sua irmã Aída.

As versões inovadoras de *Um milhão de melodias* chegavam ao requinte de lançar novos intérpretes, dispensando os criadores em disco. Para isso reuniam as vozes de Paulo Tapajós, Nuno Roland e Albertinho Fortuna no Trio Melodia. E assim surgiu o conjunto As Três Marias, originalmente com Marília Batista, Bidu Reis e Salomé Cotelli, esta logo substituída por Regina Célia.

Um programa desse porte trazia problemas de ordem técnica que exigiam soluções inventivas, uma delas quanto à limitação das mesas de som da época, que tinham entrada para apenas quatro microfones. Os técnicos da Nacional contornaram o problema instalando dois microfones em paralelo, aumentando para oito o número de captadores. Destacar um solista no meio da orquestra era outra questão problemática, já que os microfones eram fixados em pedestais. Até que alguém sugeriu uma novidade introduzida no cinema sonoro: o *boom*, também apelidado de “girafa”, ou seja, o microfone sobre um tripé de rodas de borracha, pendente de uma vara dirigida por um operador.

O caráter revolucionário de *Um milhão de melodias* não estaria reduzido à soluções técnicas apenas. Mais importante seria a influência do repertório do programa e das orquestrações de Radamés sobre toda uma geração de músicos e compositores em potencial, muitos deles ilhados em cidades distantes, sem acesso a novas informações, a não ser através do rádio. Rapazes moradores em Arapiraca, como Hermeto Pascoal, em São Bento do Una, terra de Alceu Valença, ou mesmo em Santo Amaro da Purificação.

¹⁴ Ibid., p. 31.

Mas alguns músicos e compositores responsáveis pela renovação de nossa música popular já tinham o privilégio de estar na Praça Mauá, ou perto dela. Como o violonista Garoto (Aníbal Augusto Sardinha, 1915-55), autor de *Duas contas*, ou mesmo o estudante de música Antonio Carlos Jobim, no tempo em que ainda chupava pitanga na praia de Ipanema.

Assim como a evolução das novelas justificara um cenário adequado no estúdio de radioteatro, logo batizado de Estúdio Vitor Costa, a expansão dos programas de auditório dentro da programação da Nacional iria ganhar palco e platéia equivalentes a um teatro de verdade. Instalado no vigésimo primeiro andar do edifício de A Noite, o auditório de 486 poltronas da PRE-8 se tornaria em breve um ponto turístico sonoro da capital da República. A trilha aberta pelos prêmios e brincadeiras do *Trem da alegria*, pilotado pelo Trio de Osso – Heber de Bôscoli, Yara Sales e Lamartine Babo, magros convictos e bem-humorados –, não demoraria a ser ocupada pelas atrações do *Programa Paulo Gracindo*, ou o de Manoel Barcelos, e chegaria ao clímax da euforia nas tardes de sábado conduzidas por César de Alencar.

O espaço serviria mais tarde ao duelo promocional das rainhas do rádio, fenômenos da idolatria radiofônica. Mas seria também o cenário de encontro do brasileiro dos pampas, representado pelo sanfoneiro Pedro Raimundo, com seu irmão nordestino Luiz Gonzaga. Entre um e outro, havia tempo para os representantes do samba carioca, menos benquisto pelos censores: Moreira da Silva – o Tal –, Blecaute, Jorge Veiga – o Caricaturista do Samba, ou as vozes marcantes de Carmen Costa, Violeta Cavalcanti e Araci de Almeida. E ainda havia lugar para a rainha do chorinho, Ademilde Fonseca, e a do baião, Carmélia Alves, sem excluir os representantes da música estrangeira – Rui Rei à frente dos ritmos cubanos, Lenita Bruno e Julie Joy com os sucessos norte-americanos, Ivon Curi e a música francesa, e até rancheiras do faroeste exploradas pelo paulista Bob Nelson.

A festiva inauguração do auditório foi realizada em 18 de abril de 1942, entre vestidos longos e *smokings*, destacando-se, entre outros, o diretor do DIP e sua mulher, a escritora Adalgisa Nery. Lourival Fontes sintetizou, ao microfone, a importância crescente do rádio diante do tenso panorama internacional:

O mundo atravessa uma fase dramática de reconstituição. (...) Não sabemos com segurança o que nos aguarda e devemos estar vigilantes. O rádio, cada manhã, pela rapidez da palavra

será sempre agente eficaz dos propósitos que nos animam e das cautelas que as contingências nos impõem.¹⁵

O povo tomaria posse do local no dia seguinte, às 10h da manhã. Coincidência ou não, 19 de abril marcava mais um aniversário do presidente Vargas.

Apenas três meses antes, o ministro Oswaldo Aranha encerrava, no Rio de Janeiro, a III Conferência dos Chanceleres anunciando o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha e a Itália. Pressionado pela revolta dos brasileiros com o torpedeamento de navios de passageiros no Nordeste por submarinos alemães, Vargas alinhara o Brasil com os países democráticos, o que viria a intensificar as relações culturais e econômicas com os Estados Unidos. Com isso iriam se chocar as características ditatoriais do Estado Novo e as simpatias germanófilas de destacadas figuras do governo: entre outros, os generais Góes Monteiro e Eurico Dutra e o major Felinto Müller, chefe de polícia.

Em agosto de 1942 Lourival Fontes cede a direção do DIP ao major Coelho dos Reis. Com a abertura democrática de 1945 e o fim da II Guerra Mundial, o órgão é transformado no Serviço Nacional de Informações. A designação de um novo superintendente para as Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União leva Gilberto de Andrade a se demitir do cargo de diretor da Rádio Nacional, em março de 1946.

Dois meses depois, Assis Chateaubriand o convida para dirigir as emissoras cariocas da rede Associada. À frente das rádios Tupi e Tamoio, com direito a 2% de todo o faturamento das estações, além do salário, Gilberto de Andrade levou consigo alguns dos maiores nomes da Nacional: Almirante, José Mauro, o novelista Mario Faccini, o maestro Carioca (Ivan Paulo da Silva) e Paulo Tapajós.

Mas, antes de deixar o cargo, o diretor aproveitou o aniversário da Nacional para resumir, numa entrevista, os números definidores da programação que implantara na emissora:

A situação da Rádio Nacional (...) apresenta os seguintes índices: irradia 112 horas por semana, ou seja, 6.720 minutos, assim distribuídos os seus programas: música clássica e semiclássica, 300 minutos; programas educativos, 300 minutos; informativos e crônicas, 740 minutos; música variada, 1.810 minutos; cultura física, 660 minutos; radioteatro, 960

¹⁵ Saroldi e Moreira, 1984:36.

minutos; música popular brasileira, 740 minutos; programas de auditório, 270 minutos; variedades, 940 minutos.¹⁶

O pós-guerra tornava insustentável a manutenção do Estado Novo. Por mais que Vargas promettesse presidir com isenção o processo eleitoral que indicaria seu substituto, alinhando o Brasil com os regimes de democracia representativa, seus adversários depuseram o presidente em 29 de outubro de 1946, sendo o ministro José Linhares empossado na Presidência da República.

Vargas parte para o exílio voluntário em sua fazenda de São Borja (RS), determinando a seus correligionários o apoio à candidatura de Eurico Gaspar Dutra (PSD), que se compromete a manter seu governo na mesma linha do Partido Trabalhista Brasileiro, que continua fiel a Vargas. Dutra obtém 55% dos votos presidenciais, e Getúlio é eleito senador por dois estados e deputado por nove. Mas poucas vezes comparecerá ao Senado, preferindo o silêncio dos pampas.

A presença de Gilberto de Andrade e seus principais colaboradores vindos da Nacional dava um novo alento às rádios Tupi e Tamoio, mas não de forma a abalar a liderança da Nacional. Os diretores nomeados para sucedê-lo durante o governo Dutra optaram por manter o Conselho de Administração, agora enriquecido pelas presenças de Heron Domingues, responsável pela divisão de radiojornalismo, e de Paulo Tapajós na divisão musical, retornado da breve passagem pelas Emissoras Associadas. A estrutura deixada pelo antigo diretor resistia perfeitamente aos novos tempos.

Continuava a carreira semanal de *Um milhão de melodias*, sempre aos cuidados de Radamés Gnattali, agora assessorado por Paulo Tapajós e Lourival Marques. Outros talentos foram incorporados à emissora da Praça Mauá. Destaque-se Renato Murce, responsável por *Alma do sertão*, *Piadas do Manduca* e *Papel carbono*, a dupla de humoristas Lauro Borges & Castro Barbosa, produtores e únicos intérpretes de *PRK-30*, e Paulo Roberto (pseudônimo de José Marques Gomes), redator e apresentador de sucessos duradouros como *Honra ao mérito*, *Obrigado, doutor* e *Nada além de dois minutos*.

¹⁶ Notícias da rádio brasileira, *Jornal do Comércio*, 10 ago. 1945.

Apesar de seus cinco anos distantes do Catete, Getúlio continuava presente na inspiração do compositor popular, agora livre do DIP. Entre as várias composições dessa época, das mais expressivas é *Ai!Gegê*, lançada em março de 1950:

(Ai, Gegê!
(Ai, Gegê!
(Ai, Gegê! Que saudades ...
(Que nós temos de você

O feijão subiu de preço
O café também subiu
Carne seca anda por cima
Não se passa pra ninguém
Tudo sobe, sobe, sobe
Todo dia no cartaz
Só o pobre do cruzeiro
Cada dia desce mais...

(marcha de João de Barro e José Maria de Abreu)¹⁷

Em seu exílio nas coxilhas, Vargas era assediado por correligionários para candidatar-se à sucessão de Dutra, contra as candidaturas do udenista Eduardo Gomes e de Cristiano Machado, pelo PSD. Ali vai encontrá-lo o jornalista Samuel Wainer, enviado por Assis Chateaubriand para uma matéria sobre plantação de trigo no Rio Grande do Sul. Reportagem que jamais foi escrita, substituída por uma entrevista exclusiva com Getúlio, feito que elevaria Wainer no conceito do patrão, embora a ressurreição política de Vargas deixasse Chatô à beira do pânico.

Aos poucos, Wainer percebe estar diante de um homem diferente daquele que chefiara o Estado Novo. E atribui a mudança às longas noites de reflexão na fronteira gaúcha.

Em primeiro lugar, ele se tornara um nacionalista muito mais convicto, mais consistente. Além disso, suas idéias sobre justiça social se haviam tornado mais nítidas. Enfim, ele se convencera da necessidade de consolidar a burguesia nacional. Essas três linhas de ação, sobretudo a opção nacionalista, marcariam sua trajetória até o dia do suicídio.¹⁸

Como os Diários Associados, os grandes jornais do Rio e de São Paulo preferiam não ter Getúlio de volta ao Catete. Abriam espaço para atacá-lo ao longo da campanha, chegando o diretor da Tribuna da Imprensa a escrever, em junho de 1950:

¹⁷ Severiano, 1983: 47.

¹⁸ Wainer, 1987:123.

O sr. Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.

(Carlos Lacerda, Tribuna da Imprensa, 1 jun. 1950)¹⁹

Getúlio tomou posse a 31 de janeiro de 1951, em meio à consagração popular, com quase 49% dos votos. Numa antecipação do carnaval, a euforia de seus eleitores acompanhava a voz poderosa de Francisco Alves, tanto em disco quanto no auditório da Rádio Nacional.

(Bota o retrato do velho
(Outra vez
(Bota no mesmo lugar
(Bota o retrato do velho
(Outra vez
(Bota no mesmo lugar
(O sorriso do velhinho
(Faz a gente trabalhar

(*Retrato do velho*, marcha de Haroldo Lobo e Marino Pinto)²⁰

O preenchimento do cargo de diretor da PRE-8 seria das primeiras decisões de Vargas. Em audiência no Catete, Vitor Costa ouviu do presidente que, entre os 25 pretendentes à direção da emissora, ele fora o escolhido. Vitor agradeceu, mas no íntimo atribuiu a Alzira Vargas a indicação, conhecedora que era de seu trabalho.

Nos últimos anos a Nacional reforçara o departamento de radiojornalismo sob a direção de Heron Domingues, e abriria novos espaços para a cobertura dos atos do presidente.

Também a linha musical da emissora iria revalorizar a nossa cultura. Já em 1951 o programa *Cancioneiro Royal* abre a série intitulada *No mundo do baião*, apresentada por Paulo Roberto. A direção do departamento de música brasileira foi entregue a Humberto Teixeira, assessorado na produção por seu colega Zé Dantas. Paulo Tapajós se encarregaria de privilegiar os instrumentistas da Nacional em dois novos programas. O repertório dos chorões e seresteiros era recuperado em *A turma do sereno*, mas, ao mesmo tempo, surgia a formação mais moderna do Trio Surdina, reunindo o violinista Fafá Lemos, Chiquinho do Acordeom e o violonista

¹⁹ Lamounier, 1988:95.

²⁰ Severiano, 1983:53

Garoto. Enquanto isso, Paulo Roberto cuidava de preservar o som das bandinhas do interior em *A Lira de Xopotó*, auxiliado por Jararaca no papel de mestre Filó.

Mas as forças contrárias ao período democrático de Vargas na presidência tinham razões de sobra para estarem insatisfeitas. O sucesso surpreendente do jornal *Última Hora*, dirigido por Samuel Wainer, e seu apoio às medidas nacionalistas de Vargas contrariavam os interesses dos barões do jornalismo brasileiro. O complô contra Wainer e o financiamento de sua empresa junto ao Banco do Brasil chega ao auge com os ataques de Carlos Lacerda não só através de seus artigos na *Tribuna da Imprensa*, mas com os reforços da TV Tupi, de Chateaubriand, e da Rádio Globo, de Roberto Marinho.

O maior trunfo de Getúlio junto ao empresariado nas décadas anteriores, sua orientação desenvolvimentista e nacionalista, despertava agora um temor crescente, pois associava-se a teses defendidas igualmente por setores de esquerda.²¹

Entre essas medidas estavam os decretos de criação da Petrobras e da Eletrobrás. A conspiração político-militar consegue influenciar a opinião pública contra o presidente, o que vai culminar com o episódio da rua Toneleros, em que perde a vida o major Vaz, um dos militares da Aeronáutica que protegiam Lacerda. Era a madrugada do dia 5 de agosto de 1954.

Os acontecimentos se desenrolam com rapidez. Na noite do dia 23, o ministro da Guerra Zenóbio da Costa comunica ao presidente a existência do manifesto em que as forças armadas pedem sua renúncia. A reunião ministerial se prolonga madrugada adentro, mas o presidente concorda apenas em licenciar-se, desde que fosse mantida a ordem constitucional. Ao saber que não seria assim, Getúlio se recolhe a seus aposentos ao raiar do dia 24 e adota a solução que lhe parece mais digna.

Ainda em palácio, onde passara a longa noite, Vitor Costa ouve o tiro disparado por Vargas, e imediatamente transmite a notícia a Heron Domingues, que coloca no ar edição extraordinária do Repórter Esso. Assim como fará, pouco depois, com a leitura da Carta-Testamento:

Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

²¹ Lamounier, 1988:97.

Um desfecho jamais usado nos espetáculos de variedades, nem admitido na dramaturgia das novelas de rádio. Um gesto à altura das tragédias gregas.

Referências bibliográficas

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *O Brasil na década de 1940: autoritarismo e democracia*. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

CARVALHO NETTO. *Norte oito quatro*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1977.

D'ARAÚJO, Maria Celina de. *O segundo governo Vargas: 1951-1954*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação: rádio e tv no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LAMOUNIER, Bolívar. *Getúlio*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MOREIRA, Sonia Virginia. *Rádio palanque: fazendo política no ar*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virginia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte, 1998.

SEVERIANO, Jairo. *Getúlio Vargas e a música popular*. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

SILVA, Hélio. *Vargas*. Porto Alegre: L&PM, 1980. (Série Pensamento Político Brasileiro).

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987.